



Esther e Tamar: erotismo e transgressão em *O ciclo das águas* e *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar

Esther and Tamar: Eroticism and Transgression in *O ciclo das águas* and *Manual da paixão solitária*, by Moacyr Scliar

Lunara Abadia Gonçalves Calixto*

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) | Minas Gerais, Brasil

lunaracalixto@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa duas personagens femininas da obra de Moacyr Scliar que vivenciam desafios e transgressões a fim de experimentar o erotismo: Esther, de *O ciclo das águas* (2002) e Tamar, de *Manual da paixão solitária* (2008). Essas mulheres, que estão à margem em seus papéis sociais, são trazidas para o centro da narrativa em atitudes que desafiam tradições e normas para o seu gênero. Sendo Esther uma jovem judia que é enganada e levada à prostituição, e Tamar uma personagem bíblica mencionada no livro de Gênesis, que, a fim de garantir a sua subsistência, arquiteta um plano para engravidar do sogro, ambas transgridem imposições presentes em seus contextos, encontrando protagonismo e experienciando o erotismo, circunstâncias interditas ainda para o feminino em vários âmbitos de nossa sociedade de base judaico-cristã.

Palavras-chave: Esther. Tamar. Erotismo.

Abstract: This article analyzes two female characters in Moacyr Scliar's work who face challenges and transgressions in order to experience eroticism: Esther, from *O ciclo das águas*, and Tamar, from *Manual da paixão solitária*. These women, marginalized in their social roles, are brought to the center of the narrative through actions that challenge traditions and norms for their gender. Esther is a young Jewish woman who is deceived and forced into prostitution, and Tamar is a biblical character mentioned in the book of Genesis who, to secure her livelihood, creates a plan to become pregnant by her father-in-law. Both women transgress the impositions present in their contexts, finding prominence and experiencing eroticism – circumstances still forbidden to women in various spheres of our Judeo-Christian society.

Keywords: Esther. Tamar. Erotism.

Moacyr Scliar é o principal escritor a abordar a temática judaica na literatura brasileira. Não tratando a condição judaica somente como religião, mas como cultura, o escritor apresenta em sua obra personagens e temas que evidenciam o universo bíblico sob uma perspectiva literária, crítica, irônica e permeado de símbolos e outros sentidos

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Judaicos (LEJ), da Universidade Federal de Uberlândia.



para além do religioso. Com efeito, alguns personagens secundários, sejam de fatos históricos ou mesmo de passagens bíblicas, que são tratados marginalmente, aparecem como protagonistas, revelando perspectivas que demonstram uma releitura de histórias consagradas por um contexto dominante.

Assim, Scliar encena em *O ciclo das águas* e *Manual da paixão solitária* duas personagens que se destacam como mulheres protagonistas ao não se submeterem aos papéis de gêneros impostos e transgredirem preceitos patriarcalistas a fim de obter emancipação. Essas mulheres, que têm em comum uma formação calcada nos princípios mais primitivos do judaísmo, agem com ousadia em ações que se contrapõem ao estereótipo do feminino no antigo testamento ou na Torá, descobrindo o prazer e quebrando tabus em relação à própria sexualidade.

De fato, a sexualidade feminina é um tema que ainda é considerado tabu em algumas sociedades, principalmente naquelas de tradição judaico-cristã. Tendo o masculino como gênero dominante nos sistemas patriarcais, o feminino, principalmente na figura da mulher, é direcionado a uma constante observância de ações, sofrendo sanções e sujeições em caso de não atendimento aos preceitos preestabelecidos. O corpo feminino, nesse sentido, é visto como um templo sagrado, devendo ser vigiado e comandado pela ordem vigente. De fato, segundo Jean Delumeau, o corpo feminino foi, ao longo dos tempos, subjugado e utilizado pelo patriarcalismo para justificar diversas ações da sociedade para com as mulheres:

O judaísmo bíblico e o classicismo grego exprimiram alternadamente esses sentimentos opostos. Da idade da pedra, que nos deixou muito mais representações femininas do que masculinas, até a época romântica, a mulher foi, de uma certa maneira, exaltada. De início deusa da fecundidade, “mãe dos seios fiéis”, e imagem da natureza inesgotável, torna-se com Atenas a divina sabedoria, com a Virgem Maria o canal de toda graça e o sorriso da bondade suprema.¹

A partir dessa perspectiva, quando o feminino não cumpre circunstâncias predeterminadas por esse sistema, passa a ser definido como “transgressor” em razão de infringir limites, sendo avaliado categoricamente de maneira pejorativa. Considerando-se que a maternidade era vista como a finalidade verdadeira para o feminino, quaisquer ações que se discrepassem desse propósito eram descritas como transgressoras. Nesse sentido, a maternidade se sobrepunha a qualquer outra manifestação pretendida pelo feminino.

Com efeito, se de início a obra civilizatória foi considerada como algo produzido pela virtude e graça das mulheres, pelas sendas

¹ Delumeau, 2009, p. 310.



da maternidade, depois, contudo, aquelas foram consideradas essencialmente anticivilizatórias, pelas demandas imperativas do desejo e do erotismo daquelas. Pode-se sublinhar aqui o enunciado de uma oposição eloquente entre os eixos da maternidade e do desejo no que tange à condição feminina, de forma que, se pela dimensão da maternidade as mulheres se inscrevem no trabalho incansável de construção da civilização, pela vertente do desejo elas seriam um obstáculo intransponível ao processo civilizatório.²

A partir do exposto, desejo e erotismo no feminino eram vistos como “anticivilizatórios”, uma vez que não contribuiriam para a maternidade. Na tradição judaico-cristã, ao longo do tempo, procurou-se manter esse tipo de controle da sexualidade feminina, sendo uma forma de garantir recato e submissão. Conforme apresenta Bird, nessa situação

delineada ao mesmo tempo como agente civilizatório e agente anticivilizatório, isto é, entre catalisador da ordem e operador da desordem, a figura da mulher estaria polarizada todo o tempo entre a maternidade e o erotismo. Isso porque, como mãe, a figura da mulher seria sempre agente civilizatório e da ordem, enquanto, pelo segundo eixo, seria agente da desordem e do processo anticivilizatório. O erotismo seria sempre socialmente problemático no ser da mulher, na representação forjada pela modernidade.³

É importante postular que o termo erotismo abrange mais do que o sentido de ter relações sexuais. Trata-se de uma experiência interior do ser humano, em uma dimensão que transcende o aspecto físico e sexual, envolvendo o existencial, o conhecimento de si e do prazer. Conforme Georges Bataille: “O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do indivíduo”.⁴ Ademais, o erotismo teria existência apenas na vida do ser humano: “a atividade sexual de reprodução é comum nos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica”.⁵ Cabe destacar, também, que cada contexto sociocultural determina o que é considerado erótico ou não, refletindo-se na abordagem literária, inclusive:

² Birman, 2017.

³ Birman, 2017.

⁴ Bataille, 1987, p. 27.

⁵ Bataille, 1987, p. 11.



Por ser um fato cultural, o texto erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada. Como afirma Octavio Paz a propósito do erotismo, “nada mais natural que o desejo sexual; nada menos natural que as formas em que se manifesta e se satisfaz”.⁶

Quanto ao erotismo feminino, Simone de Beauvoir apresenta uma particularização, abordando uma complexidade maior, principalmente em razão da configuração patriarcal da sociedade: “O erotismo da mulher é muito mais complexo e reflete a complexidade da situação feminina”.⁷ Tal especificidade reflete a condição de submissão que o feminino tem enfrentado ao longo do tempo, tendo a sua sexualidade sempre relacionada à reprodução, sendo vetado o erotismo ou mesmo considerado como inexistente nessa acepção:

O imperativo ético de que o erotismo deveria ser regulado pela exigência da reprodução da espécie e dos ideais do amor familiar foi estabelecido na nossa tradição pela religião cristã. Com isso, o prazer e o gozo humanos foram desqualificados e esvaziados no seu valor em face das exigências maiores da cristandade. Por essa operação, o sexual foi identificado com a idéia de *pecado*, de maneira tal que o gozo se identificou com as práticas diabólicas desde a Idade Média.⁸

Rompendo com paradigmas impostos à sexualidade feminina, as personagens Tamar e Esther, de Moacyr Scliar, vivenciam prazer e erotismo por meio da transgressão, desafiando preceitos de ordem religiosa que as colocavam como submissas, de modo que se configuram como mulheres à margem que alcançam protagonismo.

A mulher só pode aceder à autonomia transgredindo as normas do grupo, por definições coercivas. [...] A passagem do sujeito submisso a sujeito livre supõe o questionamento das formas do poder que se exerce sobre cada indivíduo. O poder de dizer *eu* é também uma luta contra as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade – de que as mulheres são especialmente vítimas. Alcançar o estatuto de sujeito livre faz parte da aprendizagem do poder, no respeito por si e pelo outro.⁹

⁶ Durigan, 1985, p. 5-6.

⁷ Beauvoir, 1967, p. 110.

⁸ Birman, 1999, p. 20-21.

⁹ Riot-Sarcey, 2009, p. 187.



Esther: prostituição e erotismo

O livro *O ciclo das águas* foi publicado por Moacyr Scliar em 1975. A obra apresenta tanto aspectos reais quanto ficcionais a partir da trajetória de centenas de imigrantes judias que se dirigiram para a América, entre o final do século XIX e início do século XX, em busca de melhores condições de vida, mas que acabaram encontrando prostituição e privação de liberdade, tendo de viver como escravas sexuais de uma rede internacional de prostituição chamada *Zwi Migdal*. Além disso, Esther, a protagonista, é inspirada em uma paciente que Scliar havia atendido quando trabalhava no Lar dos Velhos da Comunidade Israelita de Porto Alegre:

A personagem principal de *O Ciclo das Águas* foi inspirada na figura de uma velha prostituta judia, já falecida, a quem atendi como médico. O que mais me impressionava nesta mulher era a sua capacidade de sedução, em flagrante com sua deterioração física e mental.¹⁰

Além do aspecto histórico envolvendo a vida da protagonista, é preciso destacar o aspecto bíblico presente na narrativa, o qual diz respeito ao nome escolhido para a personagem, Esther, que é um dos livros do Antigo Testamento na Bíblia Cristã, como também do Tanach, a Bíblia dos judeus. De fato, a escolha desse nome não é neutra, uma vez que se trata de uma referência importante na tradição judaica, a Rainha Ester, uma mulher que age com protagonismo incomum para o contexto histórico vigente, fortemente marcado pelo patriarcalismo.

Quanto ao nome da obra, o título faz referência ao movimento do ciclo das águas, que, em constante evolução, relaciona-se também com as transformações e as mudanças na vida de Esther. Nesse sentido, o enredo não tem linearidade temporal nas ações, cruzando passado e presente que, entremeados a menções às águas em seu ciclo, condiz com o momento em que está a protagonista Esther.

A história de Esther é narrada em uma perspectiva que envolve a sua vida como uma moça judia que chega à prostituição, mas também como um ser mítico sedutor, a *Pequena sereia*, que se manifesta como o seu alterego. Há um narrador onisciente não identificado, mas o foco narrativo principal é conduzido por Marcos, filho de Esther, que, já adulto, narra em primeira pessoa a sua perspectiva sobre a história da mãe, bem como o aparecimento de Pequena Sereia, a qual surge a partir do seu relato:

Estou escrevendo. Traço no papel letras e palavras, dou nome às coisas: ciclo das águas. E meu nome é Marcos. Escrevo rápido. Mas a frágil criaturinha que se forma (ou se formou) no seio das águas, esta se completa (ou se completou) muito lentamente.

¹⁰ Scliar, 1985, p. 101.



Anos ou séculos se passaram (ou se passarão) até que perca os contornos vagos que caracterizam as nuvens e adquira a forma definitiva. Uma forma sob a qual – no entanto – ninguém a verá.¹¹

Quanto à origem de Esther, a narrativa a descreve como uma jovem judia de dezessete anos, pobre, que vivia em uma aldeia na Polônia. O pai, que era *mohel* e *shochet*,¹² apresenta-se como um homem conservador e austero, o qual prezava pela conduta obediente, não permitindo contestações: “Quando Esther quer dizer alguma coisa, o pai atalha-a com um gesto”.¹³ Criada, portanto, em um ambiente religioso, predominantemente masculino, era esperado que a jovem tivesse um comportamento submisso e obediente, circunstância vivida e reproduzida também por sua mãe, que devia demonstrar submissão ao esposo: “Vou matar uma galinha, anuncia à mulher. Mas só nos restam quatro, queixa-se a mulher. Cala a boca, diz ele, não estou perguntando, estou avisando”.¹⁴

A despeito da criação rígida, Esther não deixa de manifestar desejos de ter uma nova vida longe da aldeia. Quando Mên dele retorna, um jovem judeu que havia viajado para a América a fim de ganhar dinheiro e que agora procurava uma esposa judia, Esther vê a possibilidade de uma vida mais próspera e livre de repressão:

Fala da vida da aldeia, pobre e monótona, e de sua vida na América: ganho, afirma, muito dinheiro; posso me casar contigo, posso te sustentar, posso te dar uma vida de rainha na América. Rainha! Rainha na América! Rainha Esther! Ela ri. Irá como ele para onde ele quiser.¹⁵

Esther, ao aceitar o pedido sem titubear, manifesta a vontade de se tornar a “Rainha Esther” na América: se antes era apenas mais uma jovem comum da aldeia, agora ela se vê como alguém especial por ter sido a escolhida, assim como a Rainha Ester foi escolhida pelo Rei Assuero, tendo em vista que Mên dele se ostentava como um homem bem-sucedido que retornava da América para aquela região marcada pela pobreza. Assim, o jovem convence o *mohel* a aceitar o casamento, que logo é celebrado como um grande evento dentro dos preceitos judaicos.

Após a cerimônia, Mên dele leva Esther em viagem de lua de mel para Paris, mas não mantém nenhum contato físico com a sua esposa, o que a frustra consideravelmente.

¹¹ Scliar, 2002, p. 5-6.

¹² No judaísmo, o *mohel* é o responsável pela prática dos preceitos religiosos, dentre eles a circuncisão; já o *shochet* efetua o ritual de abate de animais para a alimentação, seguindo as leis da Torá.

¹³ Scliar, 2002, p. 14.

¹⁴ Scliar, 2002, p. 13.

¹⁵ Scliar, 2002, p. 15-16.



De fato, conhecer os prazeres do ato sexual era algo que a jovem já ansiava há algum tempo, o que se evidencia na narrativa quando a mãe vai instruí-la sobre a noite de núpcias, na véspera do casamento: “as coisas que ela diria Esther já sabia, do tempo em que olhava fascinada os bodes e as cabras, e os camponeses polacos com as mulheres, nos celeiros, nos trigais...”.¹⁶ Desse modo, o sexo, apesar de ser tabu no contexto onde fora criada, era algo que já fascinava Esther, ao observar as suas manifestações interditas. Portanto, a despeito da criação austera que tivera, de ter que resguardar sua sexualidade, experimentar o prazer era algo que não fora reprimido dentro de si.

Em Paris, Mên dele a leva para um cabaré, onde Esther se anima por acreditar que enfim ele a tocara:

Ela acabou concordando, sabendo que o *mohel* não gostaria daquilo, não gostaria nem um pouco, mas tendo a esperança que o cabaré talvez mudasse as coisas: dançariam de rosto colado e depois voltariam para o hotel e ele a beijaria na testa, na boca, no pescoço – primeiro suave, depois voraz. Vorazes, os dois. Apaixonados, como devem ser os jovens esposos.¹⁷

No entanto, as expectativas de Esther não se concretizam. Mên dele a conduz para dançar com outros homens, além de embebedá-la, e não demonstra nenhuma intenção de tocá-la. Todavia, a jovem não deixa de esperar uma ação do esposo. Depois do cabaré, ambos vão para uma mansão antiga chamada “Casa dos Prazeres”. Esther vê alguns casais em orgia, algo que não a scandaliza, mas que desperta a sua curiosidade: “Seu olhar se desvia das bocas entreabertas, dos seios brancos, das pernas peludas”.¹⁸ Além da cena explícita, o que mais chama a atenção de Esther, nesse instante, é uma estatueta de sereia de um abajur que avista na mesa:

Esther se aproxima, mira curiosa os detalhes do rosto delicadamente trabalhado. A boca, constata, se entreabre num sorriso discreto, um pouco tímido, um pouco triste; mas os globos oculares, representados como superfícies esféricas, lisas, vazias de qualquer expressão, dão à face um ar obscuro. Contraste ainda mais chocante: seios pequenos, delicados – e uma cauda escamosa, enrodilhada sobre o recife. Cauda de grande peixe.¹⁹

¹⁶ Scliar, 2002, p. 19.

¹⁷ Scliar, 2002, p. 21.

¹⁸ Scliar, 2002, p. 22.

¹⁹ Scliar, 2002, p. 23.



O instante de fascínio pela sereia é interrompido quando um homem se aproxima de Esther e começa a agarrá-la para forçar uma relação sexual: “Abraça-a. Beija-lhe o pescoço. Vai-te! – empurra-o. Sorrindo sempre, ele começa a desabotoar-lhe o vestido. Ela, imóvel, olha-o”.²⁰ Mên dele assiste a tudo sem esboçar reação e deixa Esther à mercê do homem. Tratava-se da iniciação da judia na prostituição:

Vê Mên dele, parado perto da porta, os olhos esgazeados postos nela. Estende a mão – mas o homem já a arrasta para um sofá. Mên dele, murmura. O homem deita sobre ela. Já não vê mais Mên dele. O que vê é o teto, lá no alto, decorado com figuras sorridentes: pastoras e sátiros. Mãe, é o que ela quer gritar. Mãe. Não grita: o homem beija-a com fúria. Vira o rosto. Mas de repente já não resiste: beija-o também. Sente a mão dele entre suas coxas. Estremece...²¹

Diante do ato extremo que Esther vivencia, ela não se rende de forma passiva. Todavia, mesmo tentando resistir, o desejo é despertado e ela beija o desconhecido também, sentindo as carícias e estremeando. A partir dessa primeira relação sexual, Esther passa a desenvolver uma nova forma de agir, experimentando as primeiras sensações de prazer e erotismo, sem pretensão de reprimi-las. Além disso, depois dessa experiência, Esther pega a estátua da pequena sereia, e, nesse momento, é como se esse objeto representasse uma faceta reprimida de sua personalidade surgindo, como de fato acontece na narrativa. Com efeito, após esse episódio, Esther passa a se comportar de maneira diferente com Mên dele:

Quis explicar o motivo da viagem, mas Esther interrompeu-o com um gesto: não queria saber mais nada. Tinha se transformado, naqueles poucos dias; sua voz se tornara baixa e rouca; no navio, andava pelo deck de cabeça erguida, arrogante, desafiadora, sorrindo para os homens. Não permitiu que Mên dele ficasse com ela no mesmo camarote: nunca se sabe, querido – disse, piscando um olho.²²

A figura da sereia “liberta” sua ousadia e será o símbolo de sua sexualidade sem repressões. De fato, conforme aponta Joel Birman segundo estudos de Freud, o erotismo se manifestaria de maneira mais espontânea quando associado a fantasias:

O erotismo visaria ao gozo e ao prazer, antes de mais nada, sendo a função de reprodução biológica uma complexificação na economia do sexual. Pelas fantasias, o sujeito teria uma atividade

²⁰ Scliar, 2002, p. 23-24.

²¹ Scliar, 2002, p. 24.

²² Scliar, 2022, p. 26.



sexual desde sempre, que não se superporia ao imperativo de reprodução da vida, de maneira tal que esses dois imperativos existiriam como séries relativamente autônomas na subjetividade.²³

Isso posto, Esther, obrigada por Mên dele a viajar de navio para a América, leva consigo a estátua da Pequena Sereia e não deixa de vivenciar o prazer e o erotismo nas situações que se apresentam a ela. Assim, quando Mên dele adocece, ele se deita com o médico que o atendia, um russo de barba, conhecendo o verdadeiro prazer: “Ela mergulhava o rosto na grande, na cheirosa barba, doida de prazer, ah, meu Deus, eu não sabia que era tão bom! Turbilhão de prazer”.²⁴ Uma vez tendo experienciado o erotismo, a jovem consegue se desvencilhar dos melindres da criação repressiva e percebe que o prazer, tão proibido às mulheres, existia e era bom: “Mên dele estava morto, e ela chorava de prazer, de dor, de prazer de novo. Era bom, era bom demais. Tinham razão as despu doradas camponesas polacas... – Mais! Pedia. Chega, disse o médico, tenho de voltar ao meu camarote”.²⁵

Após a viagem de navio, embora Mên dele estivesse morto, Esther é obrigada a se prostituir por um cáften da *Zwi Migdal*, primeiramente em Buenos Aires e depois no Brasil, sendo privada de liberdade. Ainda assim, frui de experiências eróticas, tornando-se a melhor prostituta do bordel. Quando descobre estar grávida de um cliente com quem tinha um relacionamento amoroso, resolve fugir e abrir o próprio cabaré, a Casa da Sereia, tornando-se caftina. Conquanto não tivesse mais contato com a família, conserva preceitos judaicos em memória principalmente ao pai, como, por exemplo, realizar o *bar-mitzvá* do filho, Marcos. Envia cartas para a mãe, mas não obtém nenhum retorno. Todavia, não deixa de refletir em suas cartas que a vida que levava, no glamour e no prazer, é melhor do que a vivida na aldeia:

Ah, mãe, tu não me ensinaste, mas aprendi ligeiro... E gosto, mãe... É bom. O médico russo... Prazer assim, tu nunca tiveste, nunca terás. Teu marido sabe degolar galinhas, mas não sabe te fazer gozar. E eu, marido não tenho, mas se soubesses como é bom um homem. E a vida que eu levo...²⁶

Após anos de glória, tendo poder e influência, Esther perde o seu negócio, que é desapropriado pela prefeitura. Mesmo em meio à decadência e estando idosa, mantém a sexualidade ativa, envolvendo-se com homens mais novos. Quando começa a desenvolver demência, o filho Marcos a coloca em um asilo; todavia, a despeito de não

²³ Birman, 1999, p. 27.

²⁴ Scliar, 2002, p. 30.

²⁵ Scliar, 2002, p. 30.

²⁶ Scliar, 2002, p. 71.



se lembrar do seu passado, mantém a sexualidade vívida, tentando seduzir os rapazes que apareciam no estabelecimento: “— Que homem bonito! Senta aqui, querido. Vamos conversar. Como é o teu nome?”.²⁷

Desse modo, depreende-se que o erotismo se torna imanente na identidade de Esther, sobrepondo-se à perda de sua memória. Além disso, a Pequena Sereia, sendo símbolo de sua feminilidade, sustenta essa identidade, definindo-a como uma mulher que rompeu as interdições patriarcalistas que limitavam o acesso à plenitude de sua sexualidade.

Tamar: astúcia e erotismo

Moacyr Scliar publica *Manual da paixão solitária* em 2008, reformulando a história bíblica de Tamar e Judá, presente no livro de Gênesis, capítulo 38. Em uma abordagem contemporânea e irônica, Moacyr Scliar apresenta uma versão humanizada de personagens oriundos do cânone bíblico, os quais demonstram vulnerabilidades comuns a todos os seres humanos: “Esmiuçar os personagens bíblicos como figuras de ficção permite ver mais nitidamente os aspectos contraditórios e as múltiplas facetas de sua individualidade humana”.²⁸

Na narrativa bíblica do livro de Gênesis, Tamar aparece como uma jovem que, após ficar viúva de Er, filho primogênito de Judá,²⁹ e não ter tido filhos, é levada a se casar com o irmão do falecido esposo, Onã, como era tradição na época, na chamada lei do levirato:

O costume do levirato, comum no Oriente Médio da época, segundo o qual o irmão ou parente de um homem morto deve dar um filho à viúva. Havia para isso uma explicação prática: a viúva não poderia herdar as propriedades do esposo falecido, só os filhos.³⁰

O casamento com Onã, todavia, não gerava filhos, uma vez que o jovem praticava o coito interrompido, algo proibido nos preceitos da religião, pois não desejava ter filhos que seriam, pela lei, considerados do falecido irmão. Segundo o relato bíblico, Deus castigou Onã, tirando-lhe a vida. Restando apenas o caçula de Judá, Selá, o patriarca garante a Tamar que ela se casaria com o jovem quando ele estivesse mais velho. No entanto, com o passar do tempo, Judá não cumpre a palavra, com receio de que a morte também atingisse o filho mais novo. Então, Tamar, a fim de fazer valer o seu direito,

²⁷ Scliar, 2002, p. 155.

²⁸ Alter, 2007, p. 28.

²⁹ Há também as seguintes variações dos nomes dos filhos de Judá: “Her, Onan e Selá” (ou Sela).

³⁰ Scliar, 2008, p. 9.



elabora um plano para enganar o sogro, que também era viúvo: ela se disfarça de prostituta sagrada e o atrai, para que pudesse engravidar dele e assim garantir a sua subsistência. Com o passar do tempo, Tamar engravida, e, quando Judá descobre, passa a considerá-la como uma mulher justa, inclusive mais do que ele, tendo em vista que ela agira para fazer cumprir a lei: “‘Ela é mais justa do que eu, pois eu devia tê-la entregue a meu filho Selá’. E não voltou a ter relações com ela”.³¹

Quanto à história de Tamar contada a partir da perspectiva de Scliar, há a presença de múltiplos focos narrativos, mas dois se destacam: Shelá (filho caçula de Judá) e Tamar. São personagens que não tiveram voz no enredo bíblico, mas que Scliar as evidencia para mostrar o ponto de vista de quem não estava em protagonismo. Assim, são duas versões apresentadas para os fatos, sendo a de Shelá uma narração que enfoca a sua história, em seus anseios e paixões de adolescente no tempo do antigo testamento, enquanto a de Tamar se mostra como um relato que revela suas inquietações desde a infância e a sua condição de mulher, com desejos reprimidos e como age para não mais recalá-los.

A narração de Shelá parte da necessidade de expor seus sentimentos por Tamar. O jovem, que está na adolescência, escreve um pergaminho, na forma de um diário, a fim de exprimir seus desejos e angústias derivados do amor que sente pela cunhada. Ele escreve em uma caverna e, além dos relatos, pratica técnicas de autoerotismo (masturbação), dando o nome de *Manual da paixão solitária*:

[...] um jeito simples e eficiente de fazer sexo prescindindo de outras pessoas, evitando conflitos e agressões, choro e ranger de dentes. Um método cujo princípio básico é simples: a modesta fricção dos dedos sobre a pele da verga substitui com inquestionável vantagem o problemático contato carnal e emocional entre humanos. Ou seja: é a solidão como antídoto para o sofrimento.³²

Ademais, ao longo da narrativa, explana que esse ato é de sua autoria, não de seu irmão Onan, que, como ficou conhecido no Ocidente, teria sido o responsável pela origem do “onanismo”³³: “Mostrará que Onan inventou apenas o coito interrompido e que a masturbação deve ser atribuída a Shelá”.³⁴ Em seu pergaminho, Shelá descreve que, quando Judá arranhou o casamento entre o primogênito Er e a jovem Tamar, se

³¹ Gênesis 38:26.

³² Scliar, 2008, p. 130.

³³ De acordo com o *Dicionário Aulete Digital*, o onanismo pode ser definido como “automasturbação masculina”. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/onanismo>. Acesso em: 12 ago. 2025.

³⁴ Scliar, 2008, p. 132.



viu atraído e fascinado pela beleza dela. No entanto, Er não correspondia ao papel esperado como marido, tendo em vista que mal se aproximava da esposa, não consumando, inclusive, o casamento. De acordo com o relato de Shelá, o leitor depreende que Er é homossexual, sofrendo conflitos interiores por não poder viver livremente a sua sexualidade. Diante de pressões, tanto da esposa como da comunidade, o primogênito decide tirar a própria vida. Shelá acreditava que se tratava de um castigo divino: “Foi Deus quem o matou, diziam todos; Deus matou-o porque ele não cumpriu suas obrigações como marido, como homem”.³⁵

Quando Tamar se torna viúva de Er, é levada a se casar com o irmão dele, Onan. No entanto, sabendo que os filhos que tivesse com ela seriam considerados do irmão mais velho, Onan consuma o casamento, mas pratica o coito interrompido, derramando o seu sêmen no chão. Além disso, trata a então esposa com desprezo, considerando-a como um corpo que está a seu dispor: “Gozar, ela? Não enquanto eu estiver vivo. Não a faço gozar. E nego-lhe a minha semente, a semente à qual ela crê ter direito. Isso a leva ao auge da loucura”.³⁶ Tamar, apesar de ansiar experimentar o verdadeiro prazer, se vê odiada pelo esposo. Assim, consumido pelo ódio que sente, Onan começa adoecer e a definhar. Antes de falecer, não se arrepende de suas ações: “A maldição do Senhor cai sobre mim – e morrerei sem deixar filhos que conservem a lembrança de quem fui. Será o castigo supremo”.³⁷

Mais uma vez viúva e sem filhos, Tamar percebe estar desamparada: “fora oprimida e enganada, forçada a casar com um homem que não gostava de mulher e com outro que derramava sêmen sobre a terra para assim mostrar sua revolta”.³⁸ À jovem, só resta se casar com o filho caçula de Judá, Shelá. Todavia, embora o patriarca soubesse que, pela lei, teria que dar a Tamar o caçula como esposo, não demonstra intenção de concretizar tal ato, temendo o mesmo fim dos outros filhos. Assim, desamparada, ela resolve agir por conta própria: “Enquanto o homem possui sozinho a autonomia econômica e que detém – pela lei e os costumes – os privilégios que a virilidade confere, é natural que se apresente tantas vezes como tirano, o que incita a mulher à revolta e à astúcia”.³⁹

Tamar decide que, como não teria Shelá como esposo, deveria buscar engravidar de Judá. Desse modo, ao descobrir que Judá estava viúvo e que iria viajar, ela utiliza a sedução para que pudesse ter uma vantagem sobre o sogro e se disfarça de prostituta sagrada, utilizando um véu para cobrir o seu rosto:

³⁵ Scliar, 2008, p. 31.

³⁶ Scliar, 2008, p. 68.

³⁷ Scliar, 2008, p. 71.

³⁸ Scliar, 2008, p. 123.

³⁹ Beauvoir, 1967, p. 230.



A astúcia de Tamar, como a de Rebeca, fica evidente. Ela se vale do fato de que a prostituição religiosa era uma coisa comum no Oriente Médio, praticada inclusive por mulheres casadas, que se entregavam a estranhos em nome da religião. Era esse o disfarce que Tamar estava adotando, recorrendo inclusive a um véu para não ser reconhecida.⁴⁰

Conseguindo concretizar o seu plano, Tamar pede, como garantia de pagamento, o sinete, o cajado e o cordão do patriarca, os símbolos de seu poder. Judá teria esses objetos de volta quando enviasse o pagamento à estranha jovem, mas ela não é encontrada. Logo Tamar engravida, e quando a notícia chega ao patriarca, ele se enfurece, pois imaginava que a nora estaria recolhida na casa paterna. Desse modo, ordena que ela fosse trazida à sua presença: “— A mulher que aqui está — disse — cometeu um grave crime. Ela traiçou a memória daqueles a quem devia fidelidade. É uma adúltera, é duplamente adúltera. Em nome do Senhor, eu a condeno à morte! Que seja queimada viva!”.⁴¹

Antes que fosse levada à fogueira, Tamar diz a todos que os objetos que trazia, o sinete, o cajado e o cordão, pertenciam ao pai de seu filho. Com a revelação, e reconhecendo que não cumprira com a lei de dar-lhe um esposo, Judá anuncia:

— Tens razão, mulher. Deitei contigo. Tu me enganaste, passando por prostituta; aliás, tenho de te cumprimentar, o disfarce foi perfeito, perfeito demais para dizer a verdade. Mas isso não importa. Sou o pai do teu filho. Tens direito à minha proteção. Eu não te dei a Shelá, como seria justo. Agora, porém, cuidarei de ti.⁴²

Tamar dá à luz os gêmeos Perez e Zerá, garantindo a sua subsistência e a descendência do patriarca, uma vez que Shelá não se casa com ninguém, pois ainda mantinha sentimentos ocultos pela cunhada. Dessa maneira, a astúcia e a coragem de Tamar passam a ser justificadas, o que lhe garante, inclusive, prestígio na tribo de Judá.

Logo que Shelá finaliza o seu relato, o foco narrativo é direcionado para Tamar, que acrescenta impressões pessoais a partir de sua perspectiva dos fatos que viveu. Há, portanto, a narração de uma personagem feminina que conta sobre a própria trajetória. Assim, a princípio, ainda na infância, ela expõe como o desejo de ter uma boneca, por exemplo, era considerado como uma transgressão, e como ela suprime essa imposição:

⁴⁰ Scliar, 2008, p. 9.

⁴¹ Scliar, 2008, p. 121.

⁴² Scliar, 2008, p. 122.



Uma transgressão, portanto. A própria boneca representava uma transgressão, na medida em que contrariava o preceito religioso proibindo a confecção de imagens. Isso pouco me importava; importava-me a Raquel, minha companheira, minha confidente.⁴³

Quando se torna uma mulher adulta, sente a sua feminilidade despertada, querendo vivenciar o prazer que parecia pulsar em seu ser. No entanto, sabia que deveria se resguardar, tendo em vista a criação patriarcal e religiosa que tivera, já que o pai era sacerdote de uma seita no povoado de Canaã:

Eu queria homem, um homem que despertasse a mulher dentro de mim, que me fizesse viver a plenitude da feminilidade. [...] Mamãe, coitada, percebia que eu estava vivendo uma fase difícil, e bem que gostaria de me ajudar, de falar comigo, mas não conseguiria fazê-lo. Provavelmente ficaria vermelha, começaria a gaguejar e terminaria batendo em retirada num pranto convulso.⁴⁴

Logo o pai arruma um casamento para a jovem, que deveria se casar com Er, filho de Judá. No entanto, desde o primeiro instante, ela não teve boas impressões do noivo. Quando se casam, o esposo não a toca nem consuma o casamento. Estando Er sempre distante e se esquivando da aproximação da esposa, ela obtém a certeza de que o seu casamento era um fracasso ao flagrá-lo em um momento íntimo:

Vestia a túnica que eu usara no casamento. Nos lábios, colocara uma tintura de um vermelho vibrante e os olhos estavam maquiados de preto. Ao ver-me, soltou um grito – o grito de um animal mortalmente ferido –, jogou-se na cama, cobriu-se totalmente e ali ficou, gemendo e choramingando.⁴⁵

Assim que percebe que o marido era homossexual, Tamar sente o desejo frustrado e não realizado tomar conta de si. Er logo falece, tirando a própria vida, por não suportar a pressão de ter que fingir ser alguém que não era. Como a lei da época previa que a jovem deveria se casar com o irmão do falecido esposo, ela imaginava que, com Onan, poderia, enfim, conhecer os prazeres que tanto ansiava: “Onan mobilizava meu desejo, fazia o meu peito arfar. Seria ele capaz de transformar-me numa viuvinha, senão alegre, pelo menos malandrinha, pronta a desfrutar o prazer do sexo?”.⁴⁶ No entanto,

⁴³ Scliar, 2008, p. 145.

⁴⁴ Scliar, 2008, p. 146.

⁴⁵ Scliar, 2008, p. 157.

⁴⁶ Scliar, 2008, p. 161.



depois que se casam, ele consuma o casamento, mas se nega deliberadamente a proporcionar-lhe prazer, além de praticar o coito interrompido para não engravidar.

Tamar, em atitude diferente do casamento com Er, conta ao pai, sacerdote, a situação que vivia em seu casamento. Ele então lhe comunica uma profecia sobre Onan: “ — Ele está condenado.”.⁴⁷ E, de fato, logo Onan começa a enfraquecer e a definhar, até que falece. Sentindo o peso do segundo fracasso do casamento, Tamar expõe o que ouvia da tribo:

Essa aí é uma mulher amaldiçoada, essa aí mata os homens que leva para a cama, a vagina dela é uma armadilha traiçoeira, a vagina dela é uma boca esfomeada armada de enormes dentes, a vagina dela suga a energia dos homens, deixa-os secos, doentes, e eles acabam morrendo.⁴⁸

Considerada culpada pelas mortes dos maridos, Judá manda Tamar de volta para a casa do pai. Entretanto, ela reivindica Shelá como marido, pois sabia que, sem filhos, não teria direito a nada. Como não é ouvida, ela arquiteta o plano de enganar o sogro se disfarçando de prostituta, a fim de que pudesse engravidar. A maternidade passa a ser uma necessidade, uma vez que uma mulher viúva e sem filhos era considerada como à margem naquele contexto. Após executar o plano, Tamar descreve as sensações sentidas, como ter, enfim, conhecido o prazer que tanto ansiara e que não tivera com os outros dois maridos:

Durante alguns segundos lutei contra mim mesma, repetindo-me: não é esse homem que eu quero, eu odeio esse homem, só me interessa o esperma dele, nada mais que o esperma, estou fingindo, estou apenas fingindo. Mas não, eu não estava fingindo, eu não conseguia mais fingir. O disfarce era só externo; por dentro eu era fêmea, fêmea autêntica, sem nenhum disfarce, sem nenhuma porra de *kohl*. Gozei. Gozei junto com ele, e, Deus, foi um terremoto de paixão, aquilo.⁴⁹

Ao expor ter experienciado o erotismo e o prazer, Tamar finaliza seu relato justificando suas ações, demonstrando ser uma mulher que adquire consciência do que quer e que se propõe a não mais se retrair. Se era vista como uma mulher cheia de astúcia, em um sentido pejorativo, por agir em favor próprio, ela ressignifica essa palavra:

Astúcia? É. Astúcia. Eu estava sendo astuciosa, muito astuciosa até, considerando minha imaturidade e minha inexperiência.

⁴⁷ Scliar, 2008, p. 173.

⁴⁸ Scliar, 2008, p. 175.

⁴⁹ Scliar, 2008, p. 187.



Mas, e esta era a explicação que eu a mim própria dava, não se tratava da astúcia do bandido, do ladrão, do pecador, tratava-se da astúcia do justo.⁵⁰

Percebe-se que Tamar passa por uma evolução ao longo da narrativa, ao transitar da margem para uma de posição de protagonismo, quando vive a sexualidade de forma plena. Ela não hesita em superar o patriarca em poder quando consegue fazer cumprir a lei a seu favor. Além disso, seu nome passaria a ser lembrado por possibilitar a descendência de Judá, uma vez que, ao conceber os gêmeos Zerá e Perez, promove a genealogia de nomes excepcionais na tradição judaico-cristã, como o rei Davi e Jesus Cristo. Assim, Tamar conclui seu texto declarando:

Eu já não era olhada com desprezo, com rancor. Já não era a exterminadora de homens. Era uma mãe, e, mais que isso, era a mulher que lutara por seus direitos e vencera, conquistando o direito à maternidade. Usara de astúcia, eu? Sim, usara de astúcia. E daí? A matriarca Rebeca também enganara o marido, o patriarca Isaac, fazendo com que este, mediante sua bênção, transformasse o filho de ambos, Jacó, em herdeiro, no lugar de Esaú.⁵¹

Desse modo, Tamar apresenta-se como uma mulher astuta que transgride as expectativas de submissão para o seu gênero e desafia as normas impostas pelo sistema patriarcal, a fim de encontrar tanto emancipação como também se permitir a experimentar o prazer e o erotismo.

Considerações finais

Esther e Tamar são personagens de origem hebraica que, estando em contextos à margem, conseguem obter protagonismo em meio a um ambiente cerceador e patriarcal. Elas demonstram ousadia ao agirem quando estão diante de algo que anseiam, não aceitando ficar na passividade, o que coaduna com a percepção de erotismo segundo Bataille: “o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação”⁵². Nesse sentido:

Em se tratando de erotismo (ou geralmente de religião), a sua experiência interior lúcida era impossível num tempo em que não aparecia às claras o jogo de balança do interdito e da transgressão que ordena a possibilidade de um e de outro. Não basta saber que existe esse jogo. O conhecimento do erotismo, ou

⁵⁰ Scliar, 2008, p. 191.

⁵¹ Scliar, 2008, p. 208.

⁵² Bataille, 1987, p. 16.



da religião, exige uma experiência pessoal, igual e contraditória, do interdito e da transgressão.⁵³

Ademais, essas personagens, ao experienciar o erotismo a partir da transgressão das expectativas de seus papéis de gênero, passam a conduzir a própria vida. Em relação a Tamar, no romance de Moacyr Scliar, essa personagem atualiza a história de uma mulher bíblica, possibilitando uma perspectiva de autonomia acerca da atuação feminina dentro de um patriarcalismo de cunho religioso; já Esther manifesta-se como uma personagem judia que, mesmo vivendo a prostituição, consegue romper sua condição de escrava sexual e viver sua sexualidade sem repressão. Desse modo, Moacyr Scliar mostra a leitor duas mulheres que, embora na margem, ultrapassam essa condição, revelando a luta contra as formas de sujeição do feminino.

Referências

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução: Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BÍBLIA. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em: 4 ago. 2025.

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

BIRMAN, Joel. *Gramáticas do erotismo* [recurso eletrônico]: a feminilidade e as suas formas de subjetividade em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução: Maria Lucia Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1985. Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

RIOT-SARCEY, Michèle. Poder(es). Tradução: Francisco Ribeiro Silva Júnior. In: HIRATA, Helena et al. (org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 183-188.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Enviado em: 02/10/2025

⁵³ Bataille, 1987, p. 33.



Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

Aprovado em: 30/10/2025